

Marina F. R. Ribeiro



PSICANÁLISE

Conversa sonhante

A função psicanalítica da personalidade

Blucher

série Academia
de Psicanálise

CONVERSA SONHANTE

A função psicanalítica da personalidade

Marina F. R. Ribeiro

Conversa sonhante: a função psicanalítica da personalidade

© 2025 Marina F. R. Ribeiro

Editora Edgard Blücher Ltda.

SÉRIE ACADEMIA DE PSICANÁLISE

COORDENADORA MARINA F. R. RIBEIRO

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Rafael Fulanetti

Coordenação de produção Ana Cristina Garcia

Produção editorial Andressa Lira

Preparação de texto Regiane da Silva Miyashiro

Diagramação Lira Editorial

Revisão de texto Cristiana Gonzaga Souto corrêa

Capa Laércio Flenic

Imagem da capa Marina F. R. Ribeiro

Blucher

Rua Pedrosa Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela

Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Heytor Diniz Teixeira, CRB-8/10570

Ribeiro, Marina F. R.

Conversa sonhante : a função psicanalítica da personalidade / Marina F. R. Ribeiro. – São Paulo : Blucher, 2025.

280 p. – (Série Academia de Psicanálise / coord. Marina F. R. Ribeiro)

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2604-8 (impresso)

ISBN 978-85-212-2603-1 (eletrônico - epub)

ISBN 978-85-212-2602-4 (eletrônico - pdf)

1. Psicanálise. 2. Identificação projetiva. 3. Reverie. 4. Identidade (Psicologia). 5. Personalidade. 6. Autoconhecimento. I. Título. II. Série.

CDU 159.964.2

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

CDU 159.964.2

Conteúdo

| | |
|----------|----|
| Prefácio | 13 |
|----------|----|

Roosevelt Cassorla (in memoriam)

| | |
|--|----|
| Antes do primeiro ato: a complexidade da conversa sonhante | 21 |
|--|----|

Primeiro ato

O conceito de identificação projetiva e alguns de seus desdobramentos transformativos

1. Uma reflexão conceitual entre identificação projetiva e *enactment*: O analista implicado 47
2. Da identificação projetiva ao conceito de terceiro analítico de Thomas Ogden: um pensamento psicanalítico em busca de um autor 71

Segundo ato

Sobre transformações, *reverie* e intuição psicanalítica

3. A intuição psicanalítica e a *reverie*: captando fatos ainda não sonhados 95
4. Sobre intuição psicanalítica: a afetação enigmática 129
5. Transformações: vértices oscilantes entre uma psicanálise epistemológica e ontológica 145

Terceiro ato

A função psicanalítica da personalidade e suas apresentações nas narrativas imaginativas e nas palavras aladas

6. Alguns apontamentos acerca da função psicanalítica da personalidade no campo analítico 167
 7. Narrativas imaginativas na sala de análise: W. Bion, Antonino Ferro, Thomas Ogden e Mia Couto 191
 8. As palavras aladas na conversa sonhante 205
 9. A função psicanalítica da personalidade do analista e a linguagem de alcance psicanalítico (o analista no seu ofício contínuo de vir a ser) 231
 10. Destinatários do amor: continentes para a função psicanalítica da personalidade 243
- Além de três atos: a pesca do fragmento intersubjetivo 257

Antes do primeiro ato: a complexidade da conversa sonhante

Todos nós acabamos nos acostumando com uma coisa extraordinária: esta conversa esquisita, denominada psicanálise, funciona – é inacreditável, mas ela funciona.

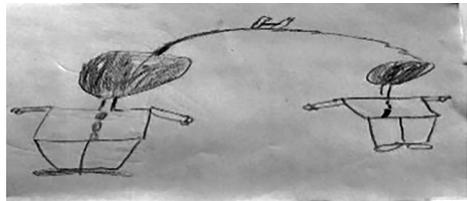
Bion, 1992

A intenção do livro é celebrar a beleza do método descoberto e desenvolvido por Freud, um método que capacita duas pessoas a terem a conversa mais interessante do mundo, hora após hora, durante anos a fio.

Meltzer & Williams, 1994

Ora, é preciso aceitar certa imprecisão e uma imprecisão certa, não apenas nos fenômenos, mas também nos conceitos.

Morin, 2015



Ribeiro, 1970, acervo pessoal

No começo, era o verbo de uma menina observadora, e o verbo estava com a menina e era ela própria. A menina observava, conjugava e crescia. Encontrei o desenho da epígrafe em uma mudança recente; eu tinha sete anos na época. A imagem surpreendeu-me; eu já estava lá, mas não sabia, uma memória do futuro. Considero que os textos apresentados neste livro são uma evolução desse desenho, uma invariância da minha personalidade, diria o Dr. Bion.¹

A palavra “conversa”, substantivo comum, quando ganha o adjetivo “sonhante”, nos serve bem para nomear a experiência de, ao mesmo tempo, conter e revelar as emoções. As palavras são formas provisórias e plásticas que podem fulgurar sentidos e gerar vários outros; e, além disso, conceber pensamentos ainda não pensados.

A conversa analítica, ou melhor, sonhante,² é complexa, íntima, incomum, estranha e transformadora. Ogden (2010) nos diz que a grande descoberta de Freud foi ter colocado duas pessoas em uma situação inédita na história – o método psicanalítico proporciona esse encontro humano com potencialidades transformadoras. Nele, ser e palavra se mesclam, em uma linguagem viva e vitalizante. As palavras nos fazem Ser – palavras aladas,³ narrativas imaginativas, palavras de

1 Este livro inaugura a *Série Academia de Psicanálise* junto com o livro de Arnaldo Chuster: *Linguagem de alcance psicanalítico: a diferença transcendental em W. R. Bion*.

2 Conversa sonhante foi uma associação de palavras encontradas na tradução do livro de Thomas Ogden (2023): *Recuperando a vida não vivida. Experiências em psicanálise*. A tradutora, Tania Zalberg, encontrou uma bem-sucedida expressão em português para traduzir o título de um artigo de Ogden (2007): *Talking-as-a-dream*. Essa expressão condensa uma considerável complexidade teórica, abordada ao longo dos capítulos, em especial no Capítulo 8 – As palavras aladas na conversa sonhante. Por algum tempo, tentei traduzir essa expressão, sem sucesso. Podemos pensar que a linguagem de alcance psicanalítico (Chuster, 2024) também se realiza nos termos teóricos escolhidos pelos autores.

3 *Palavras aladas de Thomas Ogden* (2023) é o nome de um texto publicado com Fátima César Florido e que compõe o Capítulo 8 deste livro, com o título modificado para *As palavras aladas na conversa sonhante*. O termo foi sugerido por Fátima, a quem agradeço intensamente pelas incontáveis trocas teóricas e clínicas

alcance psicanalítico.⁴ Um horizonte para o qual nos dirigimos sem nunca chegar, em que nos movemos, apenas, entre fragmentos de um todo inalcançável. A conversa sonhante⁵ é um encontro humano que contém um feixe complexo de experiências; vínculo sustentado pelo método psicanalítico e que favorece de forma singular a amplitude do campo de intimidade possível entre duas personalidades.⁶

Considerando as inúmeras conexões do meu trabalho como psicanalista pesquisadora-escritora, compartilho nas próximas páginas alguns textos publicados a partir do meu início como professora no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP), em 2016, e que fazem parte da tese de Livre-docência⁷ defendida em dezembro de 2023 no mesmo Instituto.

nos últimos anos, que geraram uma significativa produção conjunta, além de uma preciosa amizade.

- 4 Chuster, A. (2024). Agradeço a Arnaldo Chuster pelos textos e pelas inúmeras aulas e trocas extremamente produtivas nos últimos anos. A presença de suas ideias e de sua leitura autoral da obra de Bion está referida em algumas partes desta coletânea, mas, também, está presente nas emanações prováveis do texto que vão muito além das “marcas pretas no papel”.
- 5 Estou usando a expressão conversa sonhante como um vértice específico de compreensão de outros termos mais conhecidos, como: conversa analítica, relação analítica, vínculo analítico, díade analista e analisando, encontro analítico, dupla analista-analisando, em seus aspectos conscientes e inconscientes. Conversa compreendida como algo que implica o uso de palavras ou, também, uma comunicação não verbal, por exemplo, por imagens ou sensações. Faço uso dessa expressão coloquial a partir das epígrafes citadas de Bion e Meltzer; além disso, essa expressão é um fio condutor de todos os conceitos que serão apresentados nos capítulos, ou seja, duas palavras que são um fato selecionado dos textos compilados.
- 6 “No entanto estou convencido de que existe tal domínio (psicanálise); realmente é razoável que o chamemos de mente; ou caráter; ou personalidade” (Bion, 1990/2017, p. 10).
- 7 Fizeram parte da banca examinadora do concurso de Livre-docência os seguintes colegas: Alfredo Naffah Neto, Cassandra Pereira França, Daniel Kupperman, Luis Cláudio Figueiredo e Roosevelt Cassorla. Sou grata pelas sugestões feitas na ocasião e que foram incorporadas ao livro. A tese se chama: *Vértices oscilantes entre a*

Tendo como inspiração o mito de origem ou de referência formulado por Green (1987/2017), tento discorrer sobre o meu mito de origem como pesquisadora-psicanalista. O mito de referência seria um mosaico pessoal, construído de múltiplos encontros e influências, a partir dos quais o psicanalista apreende os diversos fenômenos com os quais se depara. Trata-se de uma quimera, uma composição única, um fragmento intersubjetivo, um amálgama complexo de experiências. Aqui, refiro-me a combinação das várias experiências que vivi nesses mais de vinte anos e que instigaram o meu interesse de apresentar e seguir na pesquisa dos seguintes aspectos interligados: a complexidade⁸ da conversa analítica, a dimensão onírica da mente, a linguagem de alcance psicanalítico e as possibilidades de transformação a partir do vínculo analítico.

A proposição metodológica⁹ apresentada no final do livro se sustenta a partir do método de uma leitura transitiva e criativa proposto

epistemologia e a ontologia dos conceitos de identificação projetiva, reverie e intuição psicanalítica (Ipusp, 2023).

- 8 O termo complexo é inspirado no pensamento complexo de Edgar Morin: “A um primeiro olhar, a complexidade é um tecido (*complexus*: o que é tecido junto) de constituintes heterogêneas inseparavelmente associadas: ela coloca o paradoxo do uno e do múltiplo. Num segundo momento, a complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico.” (2015, p. 13). Green e Urribarri (2019, p. 77) relatam: “A clínica psicanalítica inaugura uma maneira de pensar radicalmente original. Ela cria um novo campo epistemológico. . . Não é outra coisa que não aquela que é descrita pela epistemologia complexa de Edgar Morin”. E, também, Chuster, Soares e Trachtenberg (2014), ao longo dos últimos anos, fazem uma leitura autoral do arcabouço teórico bioniano a partir da teoria da complexidade. Desenvolver essas ideias exigiria um outro trabalho; estou fazendo apenas uma referência a minha inspiração no uso da palavra complexidade.
- 9 *Além de 3 atos: a pesca do fragmento intersubjetivo* é apresentado no final do livro. Esse texto foi originalmente publicado em 2022, escrito em coautoria com Davi Berciano Flores e Janderson Farias Silvestre Ramos (Ribeiro, Flores & Ramos, 2022). Agradeço a esses dois excelentes orientandos o partilhar de ideias e textos, além de uma amizade tranquila e parceira.

por Thomas Ogden (2014); da compreensão do mito de referência do analista, como nomeado por André Green (1987/2017); e do conceito de capacidade negativa de Bion (1970/2014d) (sem memória, sem desejo, sem necessidade de compreensão prévia). São, pois, elementos conceituais que constituem o alicerce teórico da proposta do que denomino fragmento intersubjetivo. Em outras palavras, a pergunta que nos conduz no trabalho como psicanalista, e também na pesquisa,¹⁰ é aquela que conseguimos alcançar e expressar do enigma que nos habita e nos move.¹¹

O fragmento intersubjetivo que perpassa os capítulos compilados diz respeito à questão da complexidade da conversa sonhante e sua potencialidade transformadora, a qual, quando se manifesta em palavras aladas e narrativas imaginativas, pode ser favorecedora de transformações psíquicas. Faço, ainda, um tipo de microscopia de fenômenos psíquicos que acontecem na turbulência dos encontros analíticos, utilizando-me dos conceitos de identificação projetiva, *reverie*, intuição psicanalítica e função psicanalítica da personalidade.

Ao longo dos capítulos que se seguem, também há uma compreensão espectral¹² dos conceitos, inerente à complexidade da con-

10 Insiro-me na tradição freudiana: a psicanálise é, simultaneamente, um procedimento para a investigação de processos mentais inconscientes (inacessíveis a outras formas de pesquisa), um procedimento terapêutico e um conjunto de conhecimentos em contínua expansão e reformulação sobre seu objeto.

11 Ao compreendermos a psicanálise como uma habilidade humana em potencial (Chuster et al., 2011), a contínua construção autobiográfica está presente da cesura do nascimento à cesura da morte. A psicanálise, assim como a vida, é uma atividade autobiográfica. Como escreveu Bion (1965/2014b), todos os textos são autobiográficos.

12 “Os sistemas abertos têm sua primeira grande expressão no trabalho em que Bion descreve um modelo espectral de partes psicóticas e não psicóticas da personalidade (1956/2014). O modelo espectral nos traz o alerta para as limitações da capacidade de observação, pois o modelo expõe o fato de que colocadas as partes em simetria, vamos observar apenas determinados fatos, e que podem ser bem limitados em relação ao todo” (Chuster, 2023b). A compreensão espectral dos conceitos de Bion é enfatizada em vários textos do psicanalista brasileiro Arnaldo Chuster.

versa sonhante. Os conceitos são compreendidos, então, a partir de um gradiente em que as extremidades são formas puras que não são encontradas nos fenômenos clínicos, os quais, com suas características paradoxais, trazem certa imprecisão.

Trata-se de vértices oscilantes¹³ entre uma psicanálise epistemológica e uma psicanálise ontológica. A psicanálise epistemológica, relacionada ao conhecimento e à compreensão, ou seja, ao campo das representações e diferenciações, tem Freud e Klein¹⁴ como principais autores; já a psicanálise ontológica tem Bion e Winnicott como referências e é relativa ao ser e ao tornar-se – campo do não representado e do indiferenciado.

A psicanálise ontológica propõe que o paciente descubra sentidos de maneira criativa, de modo a tornar-se mais plenamente humano: “o enfoque mudou das relações inconscientes de objetos internos para a luta de cada um de nós por tornar-se mais pleno e as experiências mais vivas e reais” (Ogden, 2020, p. 24). Nesse sentido, Ogden destaca que, em Bion, a experiência de sonhar, considerada em todas as suas formas, se sobrepõe ao sentido simbólico dos sonhos. Além disso, Ogden¹⁵ considera que Bion é um pensador ontológico, que sua concepção de *reverie* e função alfa, e sua proposição para o estado de mente do analista na sessão (capacidade negativa) demonstram a predominância ontológica no seu pensamento.

13 Ogden (2020) usa as expressões “predominância da psicanálise epistemológica” e “predominância da psicanálise ontológica”. “Vértices oscilantes” é uma construção própria para nomear o fenômeno da constante transição entre esses dois campos. “Vértice psicanalítico” é um termo usado por Bion em vários textos e supervisões, uma analogia feita a partir da geometria, um modelo usado pelo autor (Sandler, 2021).

14 Freud e Klein são pensadores predominantemente epistemológicos.

15 Ogden (2020) considera Bion e Winnicott pensadores predominantemente ontológicos.

Importante destacar que há um enriquecimento mútuo entre esses vértices oscilantes da experiência clínica – entre o conhecer e o ser. Assim, a cada momento da sessão e atento ao movimento intersubjetivo do campo analítico, o analista pode tornar figura um dos vértices, com o outro permanecendo como fundo, e vice-versa. E identificar, *a posteriori*, qual vértice predominou naquele encontro analítico.

Mas qual seria o fragmento intersubjetivo que me dedico a investigar nos textos compilados aqui? Abordo as imagens que se formam, as *reveries*, seguidas ou não pelo emergir de palavras que dão forma, mesmo que parcial e provisória, aos complexos estados mentais que circulam na conversa sonhante; e que são comunicados via identificação projetiva ou são captados pela intuição psicanalítica treinada, sustentados pela mente do analista e sua capacidade negativa.

Encontro no livro *Cogitações* (1992/2000) uma interessante descrição de Bion da sequência de eventos que acontece em uma suposta conversa com um amigo¹⁶ – um encontro entre duas personalidades e as turbulências e evocações imagéticas que são geradas:

Suponha que eu esteja conversando com um amigo; ele me pergunta onde vou passar as minhas férias; quando ele pergunta, visualizo a igreja de uma cidadezinha não muito distante da vila onde pretendo ficar. A cidadezinha é importante, pois é lá que fica a estação ferroviária mais próxima da minha vila. Antes que meu amigo tenha terminado de falar, uma nova imagem se forma, e assim por diante.

Bion (1992/2000, p. 188) segue, destacando que a imagem da igreja já havia se estabelecido em uma ocasião anterior, e que essa

16 Encontrei esse fragmento primeiramente no texto de Elias Mallet da Rocha Barros (2024), no prefácio ao livro *Reading Bion's transformation*. Agradeço o generoso apoio e colaboração que temos tido nos últimos anos, com Alberto da Rocha Barros e Elisabeth da Rocha Barros.

evocação “não surpreenderia ninguém”. Porém, acrescenta algo à situação que nomeia de controverso:

Sugiro que a experiência dessa conversa específica com meu amigo e esse momento específico da conversa – não simplesmente as palavras dele, mas a totalidade daquele momento de experiência – estão sendo percebidos sensorialmente por mim e sendo convertidos em uma imagem daquela igreja de vila específica. (Bion, 1992/2000, p. 188)

Penso que essa descrição nos aproxima da abstração conceitual da função alfa – uma função transformadora de experiências brutas em fatos psíquicos, a forma como se dá a ver a função psicanalítica da personalidade:¹⁷

Não sei o que mais pode estar ocorrendo, mas tenho certeza de que acontece muito mais do que eu tenha consciência. Mas a transformação de minhas impressões sensoriais nessa imagem visual é parte de um processo de assimilação mental. As impressões do evento estão sendo refiguradas como uma imagem visual daquela igreja específica e, assim, sendo convertidas em uma forma adequada para serem armazenadas em minha mente. (Bion, 1992/2000, p. 188)

Essa complexidade dos processos mentais que emergem a partir do encontro com um amigo ocorre na conversa analítica, emoldurada pelo *setting* analítico – aí está a beleza do método freudiano, como escrevem Meltzer e Williams (1988/1994) e Meltzer (1984/2022), um campo privilegiado de observação das evocações que ocorrem na turbulência dos encontros humanos.

¹⁷ A função psicanalítica da personalidade será abordada nos Capítulos 6 e 9.

As impressões sensoriais detalhadas no trecho anterior são expandidas e transformadas por Bion (1965/2014b; 1967/2014c) a partir de sua proposição “sem memória, sem desejo, sem compreensão prévia” – a disciplina psicanalítica que favorece a apreensão intuitiva do analista. Assim, ao longo de sua obra, o autor aborda uma complexidade ainda mais intrincada na sua observação das evocações que podem ocorrer em um encontro.

Em outras palavras, podemos considerar as evocações em um espectro entre impressões sensoriais (imagem visual) e impressões não sensoriais (intuição psicanalítica), lembrando que, na apreensão dessas evocações, há “certa imprecisão e uma imprecisão certa” (Morin, 2015).

Sucintamente, nas páginas que se seguem, busco então uma aproximação conceitual das turbulências que ocorrem na conversa sonhante – campo privilegiado de observação e transformação do psíquico.

O primeiro ato do livro, intitulado *O conceito de identificação projetiva e alguns de seus desdobramentos transformativos*, é composto de dois capítulos e aborda os desdobramentos do conceito de identificação projetiva.

Nos dois capítulos teóricos, os conceitos da psicanálise contemporânea de *enactment* (Ellman & Moskowitz, 1998; Cassorla, 2015¹⁸) e terceiro analítico (Ogden, 1996) são compreendidos como desdobramentos transformativos do conceito kleiniano de identificação projetiva – objeto principal da investigação. Não se trata, pois, apenas de uma expansão conceitual, mas de formas inéditas de nomear fenômenos clínicos intersubjetivos que passam a iluminar os próprios fenômenos, facilitando, dessa maneira, sua apreensão pelo psicanalista na situação clínica.

18 Agradeço ao Prof. Cassorla pelas interlocuções e parcerias feitas ao longo desses anos. Um privilégio usufruir dos seus textos e da sua presença, especialmente na banca examinadora do concurso para a livre-docência em dezembro de 2023.

No Capítulo 1 – Uma reflexão conceitual entre identificação projetiva e *enactment*: o analista implicado, apresento o percurso do conceito nos textos de Klein e de Bion, alcançando as seguintes considerações: Bion alocou o conceito no campo da intersubjetividade; a identificação projetiva está na origem do pensar; o caráter mais expulsivo e obstrutivo ou comunicativo é dependente da capacidade de continência do analista das emoções, experiências em estado bruto, comunicadas via identificação projetiva.

Podemos conceber a identificação projetiva a partir de uma compreensão espectral dos conceitos; ou seja, a partir das inúmeras graduações entre o polo mais comunicativo da identificação projetiva e o polo projetivo e, portanto, expulsivo. Há, porém, um ponto do espectro ou do gradiente no qual não é possível distinguir os aspectos comunicativos e projetivos, um ponto de indecibilidade, de imprecisão conceitual e do fenômeno clínico – característica da complexidade da conversa analítica.

Alude-se que a identificação projetiva é um conceito de transição entre a primeira geração (Freud-Klein) e a segunda geração (Bion-Winnicott) da psicanálise; ou seja, entre uma psicanálise epistemológica e uma psicanálise ontológica, como vimos anteriormente (Ogden, 2014; 2020). A primeira geração se debruça mais intensamente sobre a questão do que pensamos; segue-se a geração que se dedica à maneira como pensamos. Considerando essa organização temporal, o conceito de *enactment* e de terceiro analítico pertence ao que é conjecturado e proposto como a terceira geração de conceitos na psicanálise: aqueles que abordam de que forma analista e analisando pensam juntos; ou seja, de que forma as transformações conceituais nos aproximam cada vez mais da complexidade da conversa sonhante e de uma psicanálise em que predomina o vértice ontológico.

O Capítulo 2 – Da identificação projetiva ao conceito de terceiro analítico de Thomas Ogden: um pensamento psicanalítico em busca de um autor é dedicado a esse autor, que é considerado um

dos representantes da psicanálise contemporânea transmatricial (Figueiredo & Coelho Júnior, 2018). O capítulo apresenta a passagem e a transformação do conceito de identificação projetiva (Klein, 1946/1991) para o de terceiro analítico (Ogden, 1996) por meio da análise e discussão de publicações de Thomas Ogden, nas quais o autor faz articulações tanto com conceitos de Winnicott, quanto de Bion. Para Ogden, os conceitos são metáforas que nomeiam diferentes aspectos do funcionamento mental. Penso que as transformações conceituais estariam, então, nos pequenos deslizamentos de sentidos, nas sutilezas do texto e no uso diverso das expressões.

O segundo ato, intitulado *Sobre transformações, reverie e intuição psicanalítica*, é composto por três capítulos. Trata-se, justamente, da transição de uma psicanálise epistemológica para uma psicanálise ontológica (Ogden, 2020). Em outros termos, de uma psicanálise do campo representacional das experiências emocionais, para uma psicanálise de um campo experiencial e não representacional, o campo do ser e do tornar-se. No final dessa parte, apresento a teoria das transformações de Bion, destacando a cesura em sua obra: da teoria do pensar, que é uma teoria do conhecer, para a teoria das transformações, que é uma teoria do ser e do tornar-se.

Nos Capítulos 3 e 4, trabalho com os conceitos de intuição psicanalítica, *reverie* e função alfa. A pergunta que conduz a investigação é: como podemos pensar a conexão entre intuição e *reverie*?¹⁹ O estado de *reverie* na mente do analista poderia ter como pilar principal, antes e além do sensorio, nas áreas infra e ultrassensorio, a capacidade de intuição do analista? A intuição não é sensorial, mas existe algum suporte indiscernível e não identificável no mundo sensorial.

No Capítulo 3 – A intuição psicanalítica e a *reverie*: captando fatos ainda não sonhados, compartilho uma experiência perturbadora que vivi como analista, uma afetação enigmática; a seguir, faço um

19 A intuição psicanalítica e a *reverie* são detalhadamente discutidas no Capítulos 3 e 4.

exercício de “metaforização” e de aproximação dos conceitos por meio do material clínico. O objetivo do capítulo é sustentar a hipótese de que a *reverie* é uma evolução da intuição psicanalítica, e que a intuição ocorre entre cesuras e se sustenta na proposta técnica de Bion: sem memória, sem desejo, sem entendimento prévio; ou seja, a capacidade negativa do analista.

O Capítulo 4 – Sobre intuição psicanalítica: a afetação enigmática apresenta reflexões sobre a intuição psicanalítica na obra de Bion, retomando a ideia de que a *reverie* é uma evolução da intuição psicanalítica e dando continuidade à proposição de que esta última ocorre entre cesuras em constante oscilação, como desenvolvido no Capítulo 3, promovendo uma espécie de afetação enigmática. A mente é constituída por diversas cesuras, uma entidade imaginária que separa, une e cria estados mentais. A intuição se fenomenaliza na *reverie*; ou seja, a intuição (não sensorial) evolui para uma *reverie* (sensorial) que emerge entre várias cesuras instáveis e oscilantes que são os estados mentais do analista na sessão evocados pela turbulência do encontro analítico. A *reverie* é compreendida, pois, como a capacidade imaginativa da mente ou um pensamento imaginativo em busca de um pensador na dupla analista-analisando.

No Capítulo 5 – Transformações: vértices oscilantes entre uma psicanálise epistemológica e ontológica, a teoria das transformações²⁰ ganha evidência – abordo a observação clínica, o aqui e agora da conversa sonhante, como evoluem os fenômenos clínicos entre analista e analisando em complexa interação, e a sequência de transformações que acontecem em uma sessão. E, também, a interpretação, a construção do analista ou sua formulação verbal, que é compreendida como um produto dessas inúmeras transformações que ocorrem durante uma sessão de análise, sendo que a própria interpretação gera novas

20 Apresento, no referido capítulo, a leitura de Figueiredo (2000) e Figueiredo, Tamburrino e Ribeiro (2011) do livro *Transformações* (Bion, 1965/2014b).

transformações, em um tipo de circularidade que expande a área de intimidade da dupla analítica.

Dando continuidade à proposta de Bion de que a interpretação precisa ir além de gerar um conhecimento, devendo favorecer uma transformação, apresento o terceiro ato desta coletânea, intitulado *A função psicanalítica da personalidade e suas apresentações nas narrativas imaginativas e nas palavras aladas*. Bion passa a usar, na trilogia *Memória do futuro* (1975/1989) e nos textos autobiográficos, uma linguagem da imaginação estética, uma linguagem de êxito, como ele escreveu em *Atenção e interpretação* (1970/2014d). A mente se organiza como *poiesis*, que diz respeito à diuturna capacidade de sonhar as experiências emocionais.

Bion propõe no livro *Transformações* (1965/2014b) uma reflexão sobre a eficácia psicanalítica, e não apenas as verdades do conhecimento psicanalítico. Retoma assim a questão da finalidade da interpretação na psicanálise, sustentando que o fenômeno é conhecido, mas a realidade é tornada; sendo assim, a interpretação deve ir além da ampliação do conhecimento que o paciente tem de si mesmo. Ou seja: a interpretação deve favorecer uma transformação no sentido do tornar-se si mesmo, de uma transformação em O, vértice ontológico, e não apenas no sentido de um conhecimento de si, vértice epistemológico. Compreendo que há uma complementariedade²¹ entre esses dois vértices e uma oscilação contínua, da qual podemos falar apenas de predominâncias, a partir de uma compreensão espectral dos conceitos.

Proponho então que as interpretações e as construções do analista possam se apresentar como narrativas imaginativas e/ou palavras

21 Fazendo referência ao pensamento de Derrida, Coelho Junior e Figueiredo (2004), compreendem a complementaridade das dimensões intersubjetivas, argumentando que “cada dimensão é sempre um apelo de suplemento endereçado ao outro, assim como cada dimensão procura no outro a suplência de suas fraquezas ou o controle suplementar de seus excessos” (p. 24).

aladas, favorecendo, dessa forma, a expansão psíquica da dupla analítica e o tornar-se; dessa maneira, estamos no campo da predominância do vértice de uma psicanálise ontológica. A linguagem de alcance psicanalítico (Chuster, 2023a) ou, como nomeou Bion (1970/2014d), linguagem de êxito, inspira e traz sustentação teórica para os termos narrativas imaginativas e palavras aladas na conversa sonhante.

No Capítulo 6 – Alguns apontamentos acerca da função psicanalítica da personalidade no campo analítico, proponho uma aproximação ao campo analítico, em que se faz presente a intersubjetividade analista-paciente, tendo como referência o relato da experiência do escritor turco Orhan Pamuk (2010) com uma de suas leitoras. É novamente apresentado o contexto teórico dos conceitos de *reverie*, função alfa e função psicanalítica da personalidade, criados por Bion e discutidos por autores contemporâneos.

Compreendida na perspectiva de autores pós-bionianos como um campo do sonhar do analista e do analisando, a situação analítica é sempre complexa, nela podendo ser realizada a função psicanalítica da personalidade. O capítulo finaliza considerando que tanto a experiência entre autor e leitor, como entre analista e analisando, em especial, a relação de intimidade e proximidade que acontece nesses dois diferentes contextos, é favorecedora de transformações. Destaco, também, a presença da literatura como uma das manifestações da função psicanalítica da personalidade: a capacidade humana de transformar as experiências emocionais, inicialmente em estado bruto, em narrativas, a do analista e a do escritor, na busca humana incessante pela verdade e pelo sentido daquilo que é experienciado.

No Capítulo 7 – Narrativas imaginativas na sala de análise: W. Bion, Antonino Ferro, Thomas Ogden e Mia Couto, também apresento e retomo alguns conceitos de Bion (função alfa, elemento alfa, pensamento onírico da vigília, fato selecionado e *reverie*) a partir da expansão e compreensão de dois psicanalistas contemporâneos: Antonino Ferro e Thomas Ogden. O conceito de derivado narrativo de Antonino Ferro

é colocado em destaque como uma expressão privilegiada na sessão analítica do pensamento onírico da vigília. Ao final, estabeleço uma interlocução com um conto de Mia Couto, de modo a iluminar os conceitos apresentados, em articulação com o ofício do analista, que é comunicar e transformar as experiências emocionais. A imagística das interpretações narrativas é acesso privilegiado ao pensamento onírico da vigília, assim como as palavras aladas.

No Capítulo 8 – As palavras aladas na conversa sonhante, apresento o pensamento de Thomas Ogden no que se refere à compreensão da importância da linguagem do analista; o autor usufrui da sua apreensão criativa do pensamento de Bion.²² Como já exposto, destaco a importância da eficácia da interpretação psicanalítica,²³ e não apenas do conhecimento, a passagem do conhecer para tornar-se.

Estamos no âmbito da transição entre a teoria do pensar em Bion (1962/2014a) e a teoria das transformações (1965/2014b) – vértices oscilantes entre uma psicanálise epistemológica e ontológica, como dito anteriormente. O horizonte da psicanálise ontológica é favorecer o movimento do paciente na direção de tornar-se si mesmo, tornar-se verdade, sendo que a capacidade do analista de criar narrativas imaginativas e palavras aladas é fundamental nesse processo contínuo de vir a ser, que é o existir humano.

Na experiência do encontro analítico, narrativas imaginativas e palavras aladas possibilitam que seja mantido o vivo do fenômeno, a

22 No livro *Por que Ogden?*, organizado por mim, discorro no Capítulo 5 “Ogden leitor de Bion: da teoria do pensar ao pensamento intuitivo” sobre a apreensão feita por Ogden do pensamento de Bion (Ribeiro & Flores, 2023).

23 A questão da eficácia da interpretação é apresentada nesta coletânea a partir da leitura de Figueiredo (2000) e Figueiredo, Tamburrino e Ribeiro (2011), feita no Capítulo 6, a respeito do livro *Transformações* (Bion, 1965/2014b). Agradeço a Luis Cláudio Figueiredo, um admirável pensador da psicanálise contemporânea, pela minha formação como pesquisadora-psicanalista; ele é uma presença viva e intensa no meu pensamento teórico e clínico.

aproximação com a verdade emocional do paciente, verdade tornada, com rasgos e deslizes. Palavras e silêncios vivificadores ao liberar as amarras do anseio de tudo saber, ativando a capacidade negativa do analista. O verbo que voa e escapa, e que apenas na recusa das certezas sustenta a experiência viva e a busca de sentido e da verdade da experiência emocional presente na conversa sonhante.

Para finalizar essa introdução, retomo o título de um artigo de Thomas Ogden (2020), já referido, inspirado em uma pergunta que Winnicott fazia a seus pacientes: O que você quer ser quando crescer? Imaginariamente, respondo: cada vez mais a substância humana²⁴ que me constitui, realizações da minha preconcepção, expressas no desenho da epígrafe (Ribeiro, 1970, acervo pessoal). O leitor pode perguntar: do que se trata essa substância humana? Acredito que seja a mente, a nossa humana capacidade de experienciar de forma transformadora o vivido. Bion usava os termos mente, psiquismo e personalidade de forma intercambiável.

O livro trata da função psicanalítica da personalidade que nos torna a Ser quem somos; a mente como uma criação contínua; a mente compreendida como uma realização dessa função. O desvelamento do enigma da substância humana própria a cada um, uma espécie de preconcepção da personalidade que pode encontrar realizações, inclusive a criação de textos, como este livro.

A expressão “função psicanalítica da personalidade” intrigou-me; encontrei-a primeiramente no texto de Arnaldo Chuster em 2011, no qual ele escreve, a partir de Bion, que a psicanálise é uma habilidade humana e que o processo analítico pode ajudar a desenvolver. Reencontrei, posteriormente, a mesma expressão no texto de Ogden (2008; 2019) sobre os quatro princípios do funcionamento mental, no qual ele escreve que “há na personalidade uma função

24 Encontrei a expressão “substância humana” no texto de Rocha Barros (2023).

especificamente psicanalítica, e sonhar é o processo principal através do qual essa função se manifesta”, e mais à frente: “Há uma ‘estrutura interna’ inata para fazer trabalho psicológico com nossas experiências, que Bion chama de *função psicanalítica da personalidade*” (Ogden, 2019, p. 61 e p. 81).

Tal nomeação surpreendeu-me e voltei ao texto do Bion que a usa apenas uma vez no livro *Aprender da experiência* (1962/2014a), mas poderíamos ousar dizer que toda a sua obra aborda a questão: como o sonho, compreendido como um pensamento, nos torna humanos, nos torna seres psíquicos. A substância humana é o psíquico, nas suas múltiplas dimensões.

A função psicanalítica da personalidade tornou-se um fato selecionado nos meus textos nos últimos anos, especificamente no contexto da conversa mais interessante e íntima que duas pessoas podem ter: a conversa analítica, que denomino de conversa sonhante. Fazem parte dessa função a identificação projetiva, a *reverie*, a intuição psicanalítica e a linguagem de alcance psicanalítico (Chuster, 2024, no prelo). A última estendo para as expressões narrativas imaginativas e palavras aladas; temas que estão presentes nos capítulos deste livro.

A função psicanalítica da personalidade tem no método analítico um lugar privilegiado de realização e expansão; uma função que é humana e que nos torna humanos; um ser com uma mente em constante criação e expansão. Em outras palavras, considero que a função psicanalítica da personalidade realiza o humano em nós.

Penso que a psicanálise se expande assim, a partir de deslizamentos conceituais. De forma um tanto distraída, algo aparece de maneira sutil em um texto, e pode ganhar outras dimensões em textos subsequentes, e, assim, se vai gerando uma rede de novos sentidos e novas denominações na comunidade psicanalítica.

Por fim, retomo o fragmento intersubjetivo desta coletânea de textos²⁵ para facilitar a apreensão das principais ideias desenvolvidas e sustentadas, e que tem a conversa sonhante como fio condutor:

- Os desdobramentos transformativos do conceito de identificação projetiva nos conceitos da psicanálise contemporânea de *enactment* (Cassorla, 2015) e terceiro analítico (Ogden, 1996). A capacidade de continência psíquica, ou seja, de hospitalidade aos pensamentos ainda não pensados presentes no campo analítico.
- A argumentação desenvolvida na ideia de que a *reverie* é uma evolução da intuição psicanalítica, essa última sustentada pela capacidade negativa do analista. A intuição psicanalítica é compreendida como uma forma de apreensão de elementos não sensoriais no campo analítico, que se fenomenaliza na *reverie*.
- A proposição de que a intuição psicanalítica é uma afetação enigmática que ocorre de forma fugaz no trânsito contínuo e oscilante entre diferentes cesuras, e que evolui por meio de uma imaginação criadora para uma imagem, um ideograma, a *reverie*, um pensamento imaginativo em busca de um pensador na dupla analista-analisando.
- A proposição de que a intuição psicanalítica tem um polo consciente e outro inconsciente, consciência como uma “atenção presentificada”. Consciência como um órgão de apreensão da realidade psíquica, como expressou Freud (1900/2018), ideia retomada por Bion (1965/2014b). A partir da compreensão de um espectro entre intuição e alucinação, faço a conjectura da oscilação da mente do analista entre esses dois polos, e a paciência necessária para que um sentido emerja da afetação enigmática.

25 Perdoe-me o leitor por pequenas e inevitáveis repetições ao longo dos capítulos; devem-se o fato de o livro ser uma compilação de artigos publicados ao longo dos últimos sete anos.

- A compreensão e a exposição de que uma psicanálise epistemológica e ontológica (Ogden, 2020) já estava presente no livro de Bion *Transformações* (1965/2014b) ao abordar as transformações em K e as transformações em O; ou seja, o conhecer e o tornar-se.
- A compreensão de que a função psicanalítica da personalidade pode se manifestar de forma exitosa e favorecedora de transformações, nas narrativas imaginativas e nas palavras aladas do analista; ou seja, uma linguagem que favorece as transformações psíquicas e o tornar-se, e que está, predominantemente, no campo da psicanálise ontológica.
- Exposição conceitual da proposta metodológica do fragmento intersubjetivo na pesquisa psicanalítica. Os elementos conceituais que sustentam essa proposta são: o mito de origem (Green, 1987/2017) do pesquisador, a leitura transitiva e criativa de textos (Ogden, 2014) e a capacidade negativa (Bion, 1970/2014d) da mente do psicanalista-pesquisador.

Apresento, no Capítulo 9 –A função psicanalítica da personalidade do analista e a linguagem de alcance psicanalítico (o analista no seu ofício contínuo de vir a ser), uma crônica psicanalítica sobre a função psicanalítica da personalidade do analista – uma narrativa imaginativa teórica, uma reflexão poética sobre o contínuo vir a ser analista, um incessante pesquisador da complexidade da conversa sonhante, enquanto houver tempo e estrada.

Por fim, no capítulo 10, apresento uma segunda crônica psicanalítica sobre os continentes da função psicanalítica da personalidade. Discorro sobre a história de amor entre Bion e Francesca, fundamental para a criação de sua obra a partir de 1951, bem como a dedicação incansável de Francesca à divulgação do pensamento de Bion. Trata-se de um encontro transformador entre almas, uma história ainda pouco conhecida.

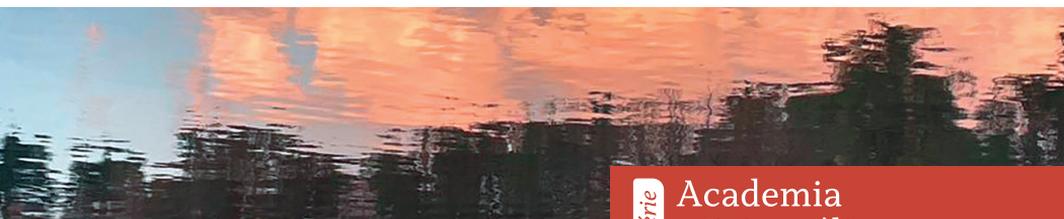
Vinhedo, janeiro de 2024.

Marina F. R. Ribeiro oferece este livro como uma contribuição psicanalítica fundamental para esclarecer as coordenadas emocionais que determinam a invariância do trabalho clínico. Essas coordenadas são fornecidas pelo que Bion chamou de função psicanalítica da personalidade. A influência de Klein e Bion é nítida em Marina, que mostra em seus textos, cuidadosa e delicadamente, como segue um dos principais princípios clínicos de Bion: “abandonar a memória, o desejo, e a necessidade de compreensão”, de modo que seus sentidos de observação, sobressaindo a intuição, possam permanecer de uma forma insaturadamente poética até ser capaz de fazer observações “científicas” da vida emocional de seus pacientes. Os leitores deste livro certamente irão realizar a profundidade de seu trabalho, como uma dádiva para a inovação do pensamento psicanalítico e da capacidade de exercer de forma livre as conjecturas imaginativas e racionais, e os processos cuidadosos de reflexão, que conduzem o trabalho psicanalítico com cada paciente em sua singularidade.

Arnaldo Chuster

Analista didata da SPRJ e do Newport Psychoanalytic Institute, Califórnia

Autor de vários livros e artigos sobre a obra de Bion, publicados em diversos idiomas



série

Academia
de Psicanálise

COORD. MARINA F. R. RIBEIRO

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-2604-8



9 788521 226048



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Conversa sonhante

A função psicanalítica da personalidade

Marina F. R. Ribeiro

ISBN: 9788521226048

Páginas: 280

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2025
